

5ª LIÇÃO

CRIAÇÃO EM OPOSIÇÃO À EVOLUÇÃO – (PARTE 1)

Existem duas explicações muito diferentes e totalmente opostas para a origem do Universo e a origem da vida no Universo. Cada uma destas explicações é um panorama completo do mundo, ou filosofia, de origens e destinos, de vida e o significado.

Um destes panoramas do mundo é o conceito da **evolução**. De acordo com a teoria da evolução, o Universo é **auto – contido**, o que significa que cada coisa no universo nasceu através de um processo ao acaso, sem nenhuma classe de participação sobrenatural. Esta opinião diz que a origem e desenvolvimento do Universo (e toda a vida no mesmo) pode ser explicado pelo tempo, a casualidade, e o processo natural contínuo. Segundo a teoria evolutiva, todos os seres vivos, surgiu de um organismo celular simples, que, por sua vez, surgiu de algo não vivo (tal como um aminoácido ou uma proteína).

O segundo panorama do mundo é o conceito da **criação**. De acordo com a teoria da criação, o Universo, **não é auto-contido**. Cada coisa no Universo nasceu através do desenho, o propósito, e o acto deliberado de um Criador super natural o Qual, usando processos que não são contínuos hoje em dia, criou o Universo, a Terra, e toda a vida na Terra (Incluindo a todo o tipo básico de plantas e animais, tanto como aos seres humanos).

Existem só duas, e somente duas possibilidades referentes às origens. Uma ou outra deve ser verdadeira. Isso quer dizer que, todas as coisas podem, ou não podem ser explicadas em termos de processos naturais em curso num Universo auto-contido. Se estas podem ser explicadas, então a evolução é verdadeira. Se estas não podem, então devem ser explicadas pelo processo da criação.

Tanto a evolução e a criação podem ser chamadas de modelos científicos, já que ambas podem ser usadas para explicar e predizer factos científicos. Obviamente o modelo que faz o melhor trabalho de explicar/predizer é o modelo científico.

Para examinar apropriadamente os dois modelos, estes devem ser definidos em termos gerais, e então cada um deve ser comparado com os factos disponíveis. A **evolução** inclui a evidência para uma aparição gradual da vida presente através de largos períodos de tempo, com formas de vida complexas emergindo de formas “mais simples”, e finalmente da maneira não

vivente. A **criação** inclui a evidência para uma aparição repentina de vida complexa. O modelo da criação nega a evolução “vertical” (também chamada “macro evolução” – o surgimento de organismos complexos de organismos simples), e as mudanças entre classes (tais como uma ameba mudando gradualmente até converter-se num homem), mas não questiona a evolução “horizontal” (também chamada “micro evolução” – de formação de espécies ou subespécies dentro das classes criadas, ou variação genética, tais como uma espécie de pássaros que gradualmente obtém um bico mais pequeno ou uma espécie de mariposas noturnas que mudam a sua cor ao longo do tempo).

A IMPORTÂNCIA DA CONTROVÉRSIA CRIAÇÃO/EVOLUÇÃO

O assunto criação/evolução não é um tema insignificante que se refere somente a poucos científicos e a poucos religiosos. Numa maneira ou outra, o tema toca quase todo o campo de estudos e cada parte da vida. Este aborda dois panoramas opostos do mundo. Portanto, é (ou deveria ser) de interesse para todos. Vários estados nos Estados Unidos analisaram as leis que não permitiram o ensino de somente uma teoria sobre as origens. Se estão escrevendo livros pelos evolucionistas que atacam o panorama criacionista. Os meios de informação chegaram a envolver-se. As associações nacionais de ciência, as associações de mestres, e as associações de políticos chegaram a envolver-se. Ambas as partes reconhecem que aparentemente a controvérsia não desaparece logo.

Houve um tempo quando os criacionistas, e seus argumentos, foram grandemente ignorados por muitos no campo científico. Mas isso não é já o caso hoje em dia. Existe uma boa razão para que os evolucionistas tenham chegado a ficar alarmados como para considerar a criação como uma ameaça. Por exemplo, em 1981 uma pesquisa da Imprensa Associada/NBC Notícias, trouxe à luz que não menos de 86% dos pesquisadores quiseram que a criação fosse ensinada ao mesmo tempo da evolução nas escolas públicas. Em 28 de Novembro de 1991 os resultados de uma pesquisa adicional da organização de pesquisas Gallup foram emitidas. Segundo os pesquisadores, 47% dos inquiridos reconheceram crer numa criação recente do homem; somente 9% expressou crer numa estrita forma naturista de evolução. Uma investigação de Gallup em 1997 encontrou que 44% dos norte-americanos (incluindo 31% que eram graduados da universidade) se

subscreveram a uma leitura completamente literal do relato de Génesis quanto à criação, enquanto outro 39% (dos quais 53% eram graduados da universidade) acreditavam que Deus actuou, pelo menos em parte na criação do Universo. Somente 10% (17% graduados da universidade) abraçaram um panorama puramente naturalista da evolução. Os resultados de uma pesquisa de Gallup emitidos em Agosto de 1999 foram praticamente idênticos: 47% declarou que acreditavam numa criação recente do homem; 9% expressou que acreditava numa evolução estritamente naturalista. Em sua edição de 11 de Março de 2000, o diário *New York Times* publicou uma história intitulada “Pesquisa Encontra Forte Sustentamento para o Ensino de 2 Teorias das Origens”, que se reportou numa pesquisa comissionada pelo grupo de direito liberal civil, Gente pelo Modo Americano, e que foi dirigido pela prestigiosa firma de investigação de votação/pública, DYG, de Danbury, Connecticut. De acordo com o estudo, 79% das pessoas pesquisadas sentiam que a evidência científica para a criação deveria ser incluída no currículo das escolas públicas.

Estes resultados foram inesperados para os evolucionistas, os quais esperavam que a maioria das pessoas acreditasse na evolução, uma vez que esta tem sido ensinada como um facto na maioria das escolas públicas e livros de textos. Não é surpreendente por que muitos evolucionistas estão chegando a alarmar-se com respeito à posição da criação?

Mesmo certos cientistas que não são criacionistas reconhecem que a criação é um **conceito científico legítimo** cujas qualidades, pelo menos, merecem ser comparadas com as da evolução. Alguns vão tão longe como para fazer enunciados que se “inclinam” mais para a respeitabilidade científica da criação do que para a da evolução. De facto, depois de mais de 120 anos de Darwinismo, o rápido crescimento de cientistas que chegaram a convencer-se que as leis e processos naturais que nós conhecemos excluem absolutamente a possibilidade de que o Universo tenha podido criar-se a si mesmo. Estes cientistas chegaram a convencer-se que o conceito da criação é uma explicação muito mais credível da evidência relacionada às origens. Que evidência é a que causou que estes científicos, e inclusivamente muitos não científicos, aceitassem o conceito da criação e se opusessem à teoria da evolução?

CREDIBILIDADE DO MODELO DA CRIAÇÃO

A Lei da Biogénese

No campo da biologia, uma das leis da ciência mais comuns e extensamente aceites é a Lei da Biogénese. Esta lei foi descrita há muitos anos atrás para explicar o que a teoria e a evidência experimental demonstraram ser verdade entre os organismos vivos – que a vida somente surge de uma vida prévia ou do seu próprio tipo ou classe.

Através dos anos, milhares de cientistas, em vários campos de estudos, documentaram a veracidade da Lei da Biogénese. De facto, esta lei foi estabelecida firmemente na ciência muito tempo antes que as teorias evolutivas modernas fossem inventadas. É interessante que aos estudantes de secundária e universidade, constantemente se lhes ensina nas classes de biologia o tremendo impacto de, por exemplo, o trabalho de Luís Pasteur sobre a noção falsa da geração espontânea (a ideia de que a vida surge por si mesma de fontes não viventes). Aos estudantes se lhes apresenta, em grande detalhe, a história de como Pasteur triunfou sobre a “mitologia”, quando desaprovava o conceito popular da geração espontânea. Então, quase imediatamente depois, os estudantes são informados que o processo evolutivo começou como resultado da geração espontânea.

Desde logo, a evolução não pôde ter ocorrido sem a geração espontânea. Por esta razão, muitos cientistas criaram experiências para criar vida a partir da matéria não vivente. Apesar de todo o tumulto que circunda estas experiências da “origem da vida, todavia nenhum “criou vida”, ou inclusivamente, esteve perto de o fazer. Na realidade, as experiências de laboratórios, inclusivamente, não alcançaram remotamente a criação de vida de algo não vivente, e os resultados extremamente limitados produzidos até agora, dependiam do uso de condições artificiais que foram extremamente improváveis. Na natureza e no laboratório, os cientistas não documentaram um caso simples de geração espontânea. Vacas dão origem a vacas, pássaros a pássaros, tulipas a tulipas, e assim sucessivamente.

Não obstante, em anos recentes alguns científicos protestaram declarando que a Lei da Biogénese não é uma “lei” em absoluto, mas simplesmente um “princípio”, “teoria”, ou “lei”. Este novo sistema de nomeação foi sugerido pelos evolucionistas, não porque

tenham desenvolvido experiências que desaprovam a biogénese, mas porque deram conta que a evolução não pode ser verdadeira se a Lei da Biogénese o é. Se os evolucionistas aceitam a biogénese como uma lei científica, então a evolução nunca poderá sido podida começar. Mas, embora muitos evolucionistas não gostem de o admitir, não pode haver dúvida que a bionégenese reflecte uma lei natural, já que nunca tem havido, inclusivamente, uma documentação simples da geração espontânea. Portanto, se a vida nesta Terra não surgiu da matéria não vivente, como chegou aqui? O facto é que cada pontinha de evidência científica ainda sustém o conceito de que a vida surge somente da vida preexistente. Toda a informação científica que possuímos mostra que este é um facto real da natureza. A Lei da Biogénese é a completa anulação da teoria evolutiva.

A Selecção Natural

A Origem das Espécies por Meio da Selecção Natural foi o título do livro publicado por Charles Darwin em Novembro de 1859. Essas duas últimas palavras, “selecção natural”, foram analisadas frequentemente no corredor da ciência. Darwin disse que a “selecção natural está diariamente e a cada hora esquadrinhando cada variação, mesmo a mais pequena; recusando o que é mau, preservando e juntando o que é bom; trabalhando silenciosa e inconscientemente para o melhoramento de cada ser orgânico”. E não é um segredo de que o conceito de Darwin da “selecção natural” (“a sobrevivência do mais forte”, como chegou a ser conhecido) tem estado no centro do pensamento evolutivo. Segundo Darwin, uma criatura individual com uma vantagem particular – a “mais forte da sua classe” – seria seleccionada naturalmente para ultrapassar a vantagem da sua própria prole. Por exemplo, um cavalo com patas largas, poderia galopar mais rápido que o resto, por conseguinte escapar dos predadores para produzir descendentes. Portanto, uma criatura “forte” seria o que melhor pudera levar a cabo as funções que o manteriam vivo – seria o melhor adaptado ao seu meio ambiente e a seu modo de vida. Isto é o que Darwin quis dizer pela “sobrevivência” do mais forte.

Mas os problemas com a selecção natural logo se desenvolveram. De algum modo, se supunha que a selecção natural deveria assegurar a “super vivência do mais forte”, mas a única maneira realista para definir o “mais forte” eram “aqueles que sobrevivem”. Então, a selecção natural diz simplesmente, que os ganhadores ganham, e aqueles que ganham são os ganhadores. A

selecção natural não explica como as espécies se adaptaram ou como as diferentes formas de vida foram criadas. A única coisa que a selecção natural explica é que a criatura “mais forte” sobrevive; então rodeia e descreve todas aquelas criaturas que sobrevivem como as “mais fortes”. Sem dúvida, a selecção natural não explica como estas criaturas chegaram a ser as mais “fortes”.

Os criacionistas nunca rejeitaram a ideia da selecção natural como um mecanismo para eliminar o organismo mais débil ou não apto. Na realidade, os criacionistas, muito antes que Darwin, disseram que a selecção natural foi um princípio de conservação. Como um recurso de selecção para desfazer-se do mais débil, a selecção natural representa o plano do Criador para prevenir que mutações daninhas afectem e destruam as espécies íntegras. E isso é tudo o que faz. Ninguém jamais produziu uma espécie simples pela selecção natural. Esta não pode explicar a adaptação. O facto de que um organismo seja adaptado ao seu meio ambiente não nos diz absolutamente nada acerca de **como** chegou a ser adaptado. Nenhum organismo não adaptado poderia ter sobrevivido, mas isto não prova que as adaptações fossem produzidas pela evolução. O argumento da selecção natural é um pouco mais que um argumento que raciocina em círculo. Como tal, deveria ser recusado. Desde logo, isto não pode explicar a vasta complexidade de vida à nossa volta. Os argumentos circulares não estão equipados com o poder para, “explicar” isto, e muito menos para “criar” isto.

A Genética

Uma das ciências mais novas, e certamente uma das mais emocionantes, é a da genética. Depois de tudo, toda a coisa vivente – planta, animal ou ser humano – é um armazém de informação genética, e um “laboratório” potencial cheio de conhecimento científico. Os estudos têm mostrado que a informação hereditária encontrada dentro da célula vivente é colocada ali num “código” químico, e que este código é universal na natureza. Apesar de todo o seu respectivo ponto de vista sobre as origens, todo o cientista reconhece isto. O evolucionista inglês Richard Dawkins anotou: “O código genético é universal. A completa universalidade palavra-por-palavra do dicionário genético é...Demasiado de algo bom”. Os criacionistas estão de acordo. Por exemplo, Darrel Kautz escreveu: “É reconhecido pelos biólogos moleculares que o código genético é universal, independentemente de como as diferentes coisas viventes se encontram na sua aparência externa”.

Um dos pontos mais importantes em relação à genética, até onde a controversa criação/evolução está interessada, é o facto de que as instruções do código químico genético são copiadas fielmente uma e outra vez. Ranúnculos produzem nada mais que ranúnculos, pardais produzem nada mais que pardais, e seres humanos produzem nada mais que seres humanos – já que todo o organismo reproduz fielmente cópias do seu próprio código genético. Um evolucionista falou da “permanência e indestrutibilidade da semente”. Outro remarcou que o código é “copiado fielmente”. Importa pouco que termos usem os evolucionistas; o seu ponto todavia é claro – toda a coisa vivente produz “de acordo com o seu género.”

Quando chegou a mudança do século, precisamente quando o dogma de Darwin da “selecção natural” começava a cair em terreno duro, a ciência da genética nasceu. Alguns que começaram a estudar a genética sentiam que tinham encontrado o mecanismo real da evolução – mutações genéticas. Então chegou a ser a nova ideia que as espécies surgiram por mutações que (de alguma maneira) foram introduzidas em seu sistema pela selecção natural. Hoje em dia a alegação do mecanismo da evolução é a selecção natural mais as mutações genéticas (já que a selecção natural, por si mesma, não tem o poder de criar nada). O falecido evolucionista de Harvard, George Gaylord Simpson, uma vez escreveu: “As mutações são a matéria-prima fundamental para a evolução.” Mas por que é este o caso?

A evolução sem um mecanismo é como um carro sem motor – não vai a nenhuma parte. Os evolucionistas logo deram conta que a selecção natural, por si só, não era um mecanismo adequado ou suficiente. Os organismos não mudariam de uma espécie a outra a menos que o material genético fosse mudado. As mutações são mudanças passadas de pais a descendentes causadas por variações do material genético original.

Não é um exagero o sugerir que o único mecanismo de evolução possível é a selecção natural mais as mutações genéticas. Se nos tem dito que a “natureza” tem “seleccionado” certas mutações benéficas e as tem incorporado em vários organismos, causando finalmente que aqueles organismos mudem de uma classe a outra. Se as “mutações são a matéria-prima fundamental para a evolução” e por conseguinte provêm o único mecanismo conhecido para a evolução, existem alguns problemas muito sérios. Por exemplo, mesmo os evolucionistas admitem que as mutações

são “erros” na duplicação do ADN. E estes erros quase sempre são perigosos. Hoje em dia conhecemos que existem pelo menos três possíveis classes de mutações: (1) más; (2) boas; e (3) neutras. Na controvérsia criação/evolução, as mutações neutras não têm valor, já que estas não têm “efeitos nítidos.” Então que se pode dizer acerca das mutações más ou boas? Do resto de todas as mutações (depois que as neutras foram eliminadas), 99% são perigosas. Considere, por exemplo, o seguinte:

1. **As mutações são ao acaso** Não há maneira de controlar as mutações, nem predizer com precisão quando podem ocorrer. Noutras palavras, a natureza não está “seleccionando” em absoluto. Dizendo melhor, a “natureza” deve simplesmente aceitar o que vier. Então, a pergunta óbvia, é: Que vem?
2. **As mutações são muito raras.** Quando frequentemente ocorrem mutações ao acaso, um cientista disse: “É provavelmente sensato estimar a frequência da maioria das mutações nos organismos superiores entre **um em dez mil e um em um milhão** por gene por geração”. Os mesmos evolucionistas franca e candidamente admitem o que todo o biólogo de investigação sabe. As mutações ocorrem raramente, e quando ocorrem, são completamente aleatórias.
3. **As mutações boas são muito, muito raras.** Em teoria, pelo menos há três classes de mutações: boas e más, e neutras. Obviamente, as mutações más (que causam várias enfermidades e mortes) não são as que os evolucionistas necessitam. As mutações neutras são de pouco uso já que dependem de mutações adicionais para ser “úteis” (num sentido evolucionista). Portanto, a pergunta realmente é: Quão frequentemente ocorrem as mutações boas? O ganhador do prémio Nobel, Hermano J. Muller, disse: “Em conformidade, a grande maioria das mutações, desde logo mais de 99% são daninhas de alguma maneira, como se espera dos efeitos de sucessos acidentais.”

Que conclusão pode ser tirada destes factos? O Dr. Simpson admitiu que, se houvesse uma população de classe inicial de **100 milhões de indivíduos**, e se eles produzissem uma nova geração **cada dia**, a probabilidade de obter resultados evolutivos bons das mutações poderia esperar-se uma vez cada **274 biliões de anos!** Por conseguinte, ele esteve forçado a concluir: “A menos que haja um facto não conhecido, incrementando tremendamente a

possibilidade de mutações simultâneas, tal processo não actuou de nenhuma maneira na evolução”. As mutações são na sua maioria destrutivas, e não podem prover um mecanismo razoável para a evolução.

O código genético – com sua complexidade, ordem e função – provê a classe mais poderosa de evidência para um desenho inteligente, o qual requer um Desenhador. De facto, a mesma ordem e complexidade não são nada menos que extraordinários. O modelo da criação prediz uma variação incorporada nos genes. Se as coisas viventes foram criadas, a variação entre os tipos é um bom desenho. Não obstante, as mudanças têm introduzido presunçosamente outro tipo de variação – mas uma que é muito nociva nesta era. As mutações **vão contra** a evolução. A história dita concernente às mutações e a selecção natural está mais em concordância com o modelo da criação que com a da evolução.

CONCLUSÃO

Nesta lição vimos o debate em curso entre a criação e a evolução. Temos aprendido que a criação é uma teoria científica legítima que merece uma séria consideração. De facto, a evidência disponível aponta ao desenho em vez que à possibilidade aleatória sobre biliões de anos. Na próxima lição continuaremos a nossa análise do tema da criação/evolução.

